



DERMATOFITOSE FELINA POR *MICROSPORUM CANIS* – REVISÃO DA LITERATURA

Amanda Luiza Martins Gama¹
Sarah Sampaio Graciano¹
Beatriz Sague Lopez¹
Fernanda Zago Solcia¹
Davylla Kerollyn da Rocha Silva¹
Aliny Pontes Almeida Torchitte²

Palavras-chave: Dermatofitos, felino, tegumento.

Os dermatofitos são fungos descritos como agentes etiológicos de lesões dermatológicas definidas como dermatofitose. É uma enfermidade infectocontagiosa de alto potencial zoonótico causada por invasão do fungo queratinofílico pertencentes aos gêneros *Trichophyton*, *Epidermophyton* e *Microsporum spp.* (CARVALHO, 2010). Na espécie felina, o *M. canis* é o mais comumente encontrado, pois estima-se que existam cerca de 30 a 80% de portadores assintomáticos, sendo estes considerados os principais transmissores da doença para os seres humanos. O objetivo deste resumo é abordar a etiopatogenia da dermatofitose em gatos. Para a realização desta revisão literária foram colhidas informações do banco de dados e revistas eletrônicas, como o Google Acadêmico, Scielo e ebesc. Segundo autores, os cães e gatos jovens e idosos que vivem em coletividade são mais susceptíveis ao desenvolvimento da doença. Estas infecções geralmente decorrem do contato direto ou indireto com os esporos dermatofíticos. A infecção ocorre secundário às alterações das barreiras da pele como modificações da microbiota, pH e atividade mecânica da pele devido a fatores intrínsecos e extrínsecos, os quais são necessárias para o desenvolvimento da doença, facilitando a invasão das estruturas fúngicas. Estes microrganismos penetram na pele, pelos e unhas causando danos mecânicos que resultam em descamação da superfície epitelial e quebra do pelo; seus metabólitos se difundem pelas células da epiderme causando reação inflamatória e de hipersensibilidade, responsáveis pelo desenvolvimento das lesões. (Carvalho, 2010). Consequentemente, ocorre a liberação de enzimas queratinofílicas e proteolíticas como a elastase, colagenase e ceratinase e substâncias tóxicas ou alergênicas, levando a ruptura da camada de queratina da pele, proliferação do extrato córneo (hiperqueratose) acompanhando de uma reação inflamatória do folículo piloso (foliculite), epiderme e derme (Dermatite). Os sinais aparecem cerca de 7 a 10 dias após a exposição, sendo caracterizado por dermatite crostosas, alopecias, circulares e descamação, podendo apresentar-se de forma generalizada ou localizada, comumente atingindo a porção cervical. Um dos testes diagnósticos mais utilizados é o uso da lâmpada de Wood, bem como o exame microscópico direto que é um método rápido e fácil, entretanto, a cultura fúngica é o meio mais confiável, no qual o material colhido para amostra compõe-se de raspado dérmico e pelos quebradiços retirados das áreas acometidas, utilizando normalmente o meio ágar sabouraud-dextrose (BIRCHARD, 2013). Para aumentar a eficiência do tratamento, deve-se realizar tricotomia e dar início a terapia tópica com xampu a base de cetoconazol e clorexidine 2%, duas vezes por semana por dois meses em média, dependendo da gravidade. Já a terapia sistêmica de escolha pode-se utilizar itraconazol na dose 10 mg/kg por 60 dias. Enquanto no ambiente é recomendado a destruição de fômites, além da desinfecção diária de superfícies e recintos com hipoclorito 2% (OLIVEIRA & LEAL, 2015). O tratamento só deve parar após pelo menos duas culturas fúngicas negativas a intervalos semanais, e quando não for possível realizar este exame deve-se prolongar o tratamento até duas semanas após a cura clínica. Considera-se uma enfermidade dermatológica frequente na clínica médica, sendo importante elucidar a sua etiopatogenia para a tomada de medidas de diagnóstico e tratamento da doença devido ao seu caráter zoonótico.

CARVALHO, A.M.T.M. **Dermatofitose por *Microsporum canis***. Monografia – Latu sensu em Clínica Médica em Pequenos, Brasília, pág. 9-10, 2010.

OLIVEIRA, D. E. C.; LEAL, D. R. **Dermatofitose Felina – Revisão e Relato de caso**. Faculdades Integradas ICESP/Promove, Brasília, 2015.

BIRCHARD, S. J. **Manual Saunders de Clínica de pequenos animais**. Editora: Roca, 3ª edição, São Paulo, pág. 460-461, 2013.

¹ Acadêmicos do curso de Medicina Veterinária CEULJI/ULBRA. E-mail: amandaluiza57@hotmail.com

² Docente do curso de medicina veterinária CEULJI/ULBRA. E-mail: apa_pontes@hotmail.com